

Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Lemos, Yolana, 1995-

A complexa intersecção temporal e espacial

<http://hdl.handle.net/11067/6906>

<https://doi.org/10.34628/7d1z-2566>

Metadados

Data de Publicação	2023
Tipo	bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-25T07:59:11Z com informação proveniente do Repositório

A COMPLEXA INTERSECÇÃO TEMPORAL E ESPACIAL NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE URBANA CONTEMPORÂNEA

REFLEXÕES SOBRE OS DESAFIOS DA INTEGRAÇÃO DAS DIFERENTES CAMADAS HISTÓRICAS E A SENSIBILIDADE NA INTERVENÇÃO URBANA NA CIDADE DE LUANDA NO PRESENTE E FUTURO.

Yolana A. A. de Lemos

DOI: <https://doi.org/10.34628/7d1z-2566>

Resumo: O presente texto aborda a relação entre tempo e espaço nas cidades, com foco na complexa teia urbana e cultural da cidade de Luanda, em Angola. A importância do diálogo com o passado para o crescimento das cidades e dos vários layers que as compõem é destacado, identificando nesta cidade a falta de articulação entre as diferentes camadas históricas, o que resulta numa arquitetura contemporânea sem identidade. Enfatiza-se a necessidade de compreender a memória coletiva dos luandenses e de respeitar os diferentes extratos e tempos da cidade para um desenvolvimento urbano coerente e sustentável.

A reflexão sobre o passado, a intervenção no presente e imaginação do futuro são os pensamentos fundamentais refletidos, propondo por fim uma abordagem multidisciplinar, relevante e efetiva para as pessoas que vivem nesses lugares.

Palavras-chaves: Arquitetura; Contemporaneidade; Luanda; Cidade; Memória; Intervenção; Cultura.

Abstract: This text reflects the relationship between time and space in cities, focusing on the complex urban and cultural web of the city of Luanda, in Angola. The importance of dialogue with the past for the growth of cities and the various layers that compose them is highlighted, identifying in this city the lack of articulation between the different historical layers, which results in contemporary architecture without identity. It emphasizes the need to understand the collective memory of people from Luanda and to respect the different extracts and times of the city for a coherent and sustainable urban development.

Reflection on the past, intervention in the present and imagination of the future are the fundamental thoughts reflected in this text, finally proposing a multidisciplinary, relevant, and effective approach for the people who live in these places.

Keywords: Architecture; Contemporaneity; Luanda; City; Memory; Intervention; Culture.

Dentro da linha temporal que conhecemos, o passado, o presente e o futuro tocam-se, começando e terminando um no outro, e marcam, no decorrer destes, acontecimentos e ações contínuas. A relação entre tempo e espaço ou tempo e lugar, é determinante no crescimento das cidades e dos vários layers que a compõem, sendo importante o diálogo permanente com a história. A correlação entre o passado e o presente nos ajuda a compreender a conexão espacial e temporal dos indivíduos na sociedade.

É a superposição contínua dos diversos estratos que estruturam toda a cidade, palco da diversidade e pluralidade, fenómeno que não é possível interpretar de maneira unívoca. (Montaner, 2001, p. 157) A cidade é um lugar de complexidade e de memória colectiva, sendo assim, necessárias as diferenças entre “as cidades do velho e do novo mundo” (Montaner, 2001, p. 159). No contexto do desenvolvimento urbano em cidades africanas, há desafios importantes relacionados à integração de diferentes camadas históricas. Ao longo dos anos, grandes centros africanos enfrentaram transformações urbanas, que se relacionam com três períodos fundamentais da sua história e a sobreposição de *layers* urbanos a que estes deram origem: pré-colonial (comunidades tradicionais), colonial e pós-colonial.

O que se verifica em grande parte das cidades contemporâneas africanas é a fragilidade na articulação entre os diferentes tipos de construções que marcaram e marcam os diferentes períodos históricos. As construções, sobretudo no período pós-colonial, para existir, anulou ou negligenciou as construções e experiências dos períodos anteriores, esquecendo noções básicas do urbanismo.

A cidade de Luanda, capital de Angola é um exemplo claro disto. Há uma falta de articulação entre as diferentes construções da história desta cidade. Luanda tem sido palco de diversas transformações ao longo dos anos, principalmente, desde a colonização portuguesa até a independência do país em 1975 e a guerra civil que se seguiu, que durou até 2002. Como resultado, a cidade apresenta uma complexa teia urbana e cultural, que reflete os diferentes períodos da sua história. No entanto, essa complexidade também é fonte de tensão, uma vez que nem sempre é fácil integrar essas diferentes camadas históricas em uma narrativa coerente de desenvolvimento urbano.

Verificam-se nesta cidade situações problemáticas na sua intervenção, como o apagamento histórico ou demolição de edifícios coloniais que constituíram espaços de memória colectiva na cidade e de grande qualidade arquitetónica; a falta de conhecimento geral sobre a arquitetura tradicional ou vernacular na região que conhecemos hoje como Luanda; a apropriação dos edifícios existentes e a sobrelotação dos mesmos; a sobreposição de construções atuais descontextualizadas da realidade urbana, social e cultural da população. Todos estes fenómenos conduziram a uma cidade de arquitetura contemporânea sem identidade. Contudo, não podemos dizer que na atualidade, a nível urbano apenas impera o caos, a desorganização e a falta de cultura. Luanda caracteriza-se pela informalidade na construção, no comércio, nas relações, sendo que o informal não é sinónimo de ilegal. A informalidade decorre na forma como a população, principalmente em bairros suburbanos, relacionam-se e apropriam-se da cidade. Grande parte desta informalidade surge devido à necessidade.

O que fomentou o crescimento rápido dos assentamentos informais em Luanda foi o fenómeno da guerra, principalmente da guerra civil e os movimentos migratórios resultantes para os centros urbaniza-

dos. Este fenómeno, obrigou a que a cidade de Luanda crescesse rápido, atropelando, sobretudo, o *layer* da cidade colonial, que grande parte dos luandenses têm memória. É necessário entender que o passado mais recente e mais próximo do qual os luandenses – das gerações hoje ainda vivas – guardam memória e têm como referência, é uma Luanda de edifícios de arquitetura portuguesa, e sobretudo, a partir dos anos 40 e 50 do século XX, edifícios modernistas que contrastavam com os musseques que já existiam ao redor dessa “cidade histórica colonial”. Inclusive o *modus vivendi* de parte dos luandenses, passou a ser influenciada pelas dinâmicas desta cidade. Deste modo, as gerações que se encontram vivas e que nasceram em Luanda, têm como referência uma cidade de cariz mais tendenciosa para modelos eurocêntricos do que africanos.

Por outro lado, o movimento migratório da população, principalmente de zonas rurais – com predominância de arquitetura vernacular, e conseqüentemente com um *modus vivendi* menos influenciado pelas diretrizes europeias – para Luanda, obrigou a que esta cidade respondesse rápido ao aumento populacional, mas também a diferentes formas de habitar e apropriar-se do lugar. Contudo, a origem informal de muitos bairros ao redor do centro histórico culminou em construções precárias, com falta de infraestrutura básica, saneamento e condições de habitabilidade, dando-se ainda o fenómeno da ocupação, sobreposição e sobrelotação dos edifícios pré-existentes coloniais que se encontravam devolutos após a independência do país. Esta cidade colonial, era composta por edifícios e infraestrutura projetados para uma população muito menor do que a atual em Luanda, sendo que em 1968 estimava-se a população desta cidade em 500.000 habitantes: “A capital angolana teve espetacular crescimento nos anos de 1930 a 1950: com 60.000 habitantes em 1940, passou a 140.000 (1950), a 225.000 (1960), e a quase 500.000 em 1968(...)” (Fernandes, 2009, p. 68). Atualmente, Luanda não consegue atender a demanda de habitantes, estimada em 9.079.811 de pessoas, que corresponde a 27% da população angolana, e que vivem numa extensão total de 18.876 km² (1,5% do território angolano).

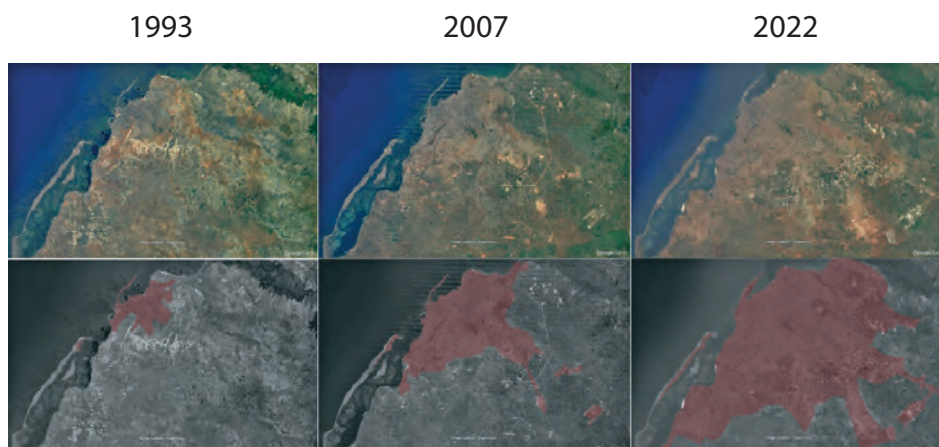


Figura 1 – Comparação da vista área de parte da cidade de Luanda, desde 1993 a 2022. Importa reparar na forma em que a cidade se expandiu (marcado a vermelho na imagem), crescendo para diversas direções, sobretudo para o sul do centro histórico. A mancha desta expansão é bastante densa no que diz respeito a construções, sendo quase impossível identificar espaços verdes entre estas (adaptado de imagens do Google Earth).

A expansão desta cidade dentro dos bairros informais, criou vivências e relações novas, que não se conseguem, simplesmente, desfazer ou apagar, pois, têm uma organização, apropriação e memória própria – hoje albergando não só os angolanos que migraram, mas muitos estrangeiros de países vizinhos africanos que também transportam a sua própria bagagem cultural, como é o caso da República Democrática do Congo.

Para além do crescimento informal dos bairros, ao atender a demanda crescente da população, várias centralidades promovidas pelo Estado nasceram formalmente, oferecendo habitação, sobretudo à população jovem de classe média/baixa. Contudo, muitas destas estão descontextualizadas das vivências da própria cidade, bem como os grandes condomínios de luxo que cresceram para o sul da cidade histórica, e que criam barreiras e vincam a grande diferença social escancarada no país. Estas construções contemporâneas na cidade de Luanda promovem uma arquitetura sem identidade – com tipologias e linguagens importadas de realidades distintas e alheias: Dubai, China, entre outros

– e não tentam relacionar-se com a informalidade que hoje compõem Luanda: o comércio de rua, os mercados, a necessidade de sempre mais espaço dando origem a apêndices ou anexos nas construções existentes, devido sobretudo ao conceito de família alargada.

Em suma, a linha temporal da cidade perde referência, pois a cidade de memórias deixa de existir porque deixamos de identificar e reconhecer os lugares, e em contrapartida, assiste-se na intervenção urbana contemporânea a falta de identidade na arquitetura, em parte, feita por arquitetos nacionais ou internacionais, tornando incerto o caminho do futuro. É clara a falta de sensibilidade dos principais intervenientes das cidades angolanas, principalmente porque, nos últimos anos, estas intervenções foram vistas como estratégias políticas de desenvolvimento massivo do país. Embora o desenvolvimento das principais cidades africanas possa ser um motivo para celebração de evolução e progresso, não podemos deixar de enxergar a discrepância entre os interesses dos investidores e das autoridades locais e o contexto cultural, o *modus vivendi*, as tradições e a realidade económica das comunidades angolanas. No caso de Luanda, são vários edifícios históricos destruídos da época colonial, do qual a população local guardava memória, afeto e estima, para darem lugar a edifícios ou grandes torres comerciais.



Figura 2 – Imagens áreas da área em que se encontrava o Mercado do Kinaxixi (1950-1952) demolido em 2008/2009, projeto do arquiteto Vasco Vieira da Costa (1911-1982). Vemos uma sequência de imagens de 2005, quando ainda se encontrava erguido o edifício; de 2009, após a demolição deste edifício, criando um vazio na malha urbana; e de 2022, verificando-se já em construção, desde 2010, o shopping Kinaxixi, que pelo seu volume, de dimensões bastante superior aos edifícios envolventes, cria uma presença e sombra de grande destaque (adaptado de imagens do Google Earth).

Por outro lado, alguns destes edifícios, sobretudo os de cariz modernista, permanecem na cidade em estado de abandono ou ruína. Sobre estas permanências nas cidades, bem como a relação entre passado e presente, o arquiteto italiano Aldo Rossi (1931-1997) refere que:

Só estas [permanências] podem mostrar aquilo que a cidade foi, tudo aquilo em que o seu passado difere do presente. [...] Na realidade, inclino-me a crer que os factos urbanos perenes se identifiquem com os monumentos e que os monumentos sejam persistentes na cidade, e efetivamente permanecem mesmo fisicamente. Esta persistência e permanência é dada pelo valor constitutivo; pela história e pela arte, pelo ser e pela memória. (Rossi, 2001, p. 75-76)

Preocupa-nos então pensar o presente e principalmente o futuro. **É urgente a necessidade de repensar estas cidades, que demonstram no seu quotidiano a dificuldade na dicotomia entre passado e presente.** É necessário praticarmos o exercício de reconhecermos e identificarmos a problemática na arquitetura contemporânea angolana que se relaciona com diferentes períodos da história do país até o pós-colonialismo. Mas tal exercício não se limita pelo entendimento dos acontecimentos que marcaram esta baliza temporal, mas deverá interpretar, principalmente, os elementos culturais que moldaram as cidades angolanas ao longo do tempo, relacionando tais elementos com a busca de soluções inovadoras e criativas que dão resposta aos problemas sociais, urbanos e culturais da sociedade hoje, e que desafiem a narrativa da arquitetura contemporânea angolana.

Além disso, é essencial preservar o centro histórico de Luanda, que evoca memórias afetivas para a população que nasceu ou cresceu na cidade colonial e, ao mesmo tempo, entender não podemos apagar as vivências informais desta cidade atual. No entanto, é necessário melhorar o diálogo destes extratos da cidade para encontrar soluções que sejam relevantes, sustentáveis e efetivas para a vida urbana, o que requer uma abordagem multidisciplinar que leve em conta as dimensões econômicas, culturais e sociais, bem como as diferentes perspetivas e experiências. É importante envolver as comunidades locais e os governos em processos de planeamento urbano participativo para garantir que as soluções propostas sejam relevantes e efetivas para as pessoas que vivem nesses lugares.

O surgimento do interesse em pensar o futuro e como se desenvolverão as sociedades, começa a partir do momento em que nos preocupamos com a nossa própria existência e das gerações vindouras no futuro. Consequentemente, precisamos falar sobre o futuro desta, e de outras cidades em Angola, mas qual futuro? Provavelmente, um que esteja atento aos avanços tecnológicos, aos problemas climáticos, e aos contextos reais das cidades, sem esquecer que estas cidades se encontram no mundo de relações globais e cada dia mais digital.

Referências

- FERNANDES, José Manuel (2009) – Geração africana : arquitectura e cidades em Angola e Moçambique, 1925-1975. 2.a ed. Lisboa : Livros Horizonte.
- MONTANER, Josep Maria (2001) – A Modernidade Superada, Arquitectura, Arte e Pensamento do século XX. Barcelona: Editorial Gustavo Gili S.A.
- ROSSI, Aldo (2001) – A Arquitectura da Cidade. Lisboa: Edições Cosmos.
- CRISTÓVÃO, Edivaldo (2022) – População angolana estimada em 33.097.671 habitantes. Jornal de Angola [Em linha]. (12 Jul. 2022). [Consult. 25 de abr. 2023]. Disponível em WWW: <URL: <https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/populacao-angolana-estimada-em-33-097-671-habitantes/>>.
- CUNHA JR., Henrique (2020). Urbanismo Africano: 6000 mil anos construindo cidades (uma introdução ao tema) – Revista Teias, PROPED/UERJ, 371-382.